

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

NAYZE BARBOSA SILVA

**O PRECONCEITO E A IDENTIDADE NEGRA: O QUE PENSAM
OS ALUNOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, FÍSICA E
BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
*CAMPUS DE ARAGUAÍNA***

ARAGUAÍNA

2016

NAYZE BARBOSA SILVA

**O PRECONCEITO E A IDENTIDADE NEGRA: O QUE PENSAM
OS ALUNOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, FÍSICA E
BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
*CAMPUS DE ARAGUAÍNA***

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do grau de graduada em Licenciatura em Química.

Orientador: Dr. Joseilson Alves de Paiva.

ARAGUAÍNA - TO

2016

NAYZE BARBOSA SILVA

**O PRECONCEITO E A IDENTIDADE NEGRA: O QUE PENSAM
OS ALUNOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, FÍSICA E
BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do grau de graduada em Licenciatura em Química.

Orientador: Prof.º Dr. Joseilson Alves de Paiva

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Joseilson Alves de Paiva (Orientador)

Profª. Msc Renata Barbosa Dionysio

Profº. Msc Luis Gustavo Magro Dionysio

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer ao meu Deus por essa conquista, por ter me sustentado até aqui sendo o meu refúgio e minha fortaleza, me dando sabedoria e inspirando as minhas palavras.

A minha família pelo apoio, pelas orações, por ter me tolerado nos momentos de estresse e me ensinado a ser quem eu sou hoje, vocês são e, sempre serão, meu alicerce... Dedico tudo a vocês. Eu os amo muito!!

Ao meu melhor amigo, meu amor, que tem demonstrado estar ao meu lado, me ensinando a ser forte e não desistir mesmo nos “48 do segundo tempo”, muito obrigado pelas palavras de incentivo... Eu amo você!!

Agradeço ao meu orientador, Professor Paiva, por ter aceitado o desafio de me guiar por esse caminho, por tudo que me ensinou através das discussões que se procederam durante cada reunião e me mostrando onde eu poderia melhorar, eu o admiro por seu profissionalismo e pela sua pessoa, inteligente, simples, de coração humilde que se dedica e tem prazer em ajudar quem quer ser ajudado, muito obrigado!!

Aos meus colegas, que estiveram ao meu lado durante toda a graduação, em especial, a Alderina e a Fabiola, enfrentamos grandes dificuldades, mas sempre apoiando uma a outra, vocês se tornaram grandes amigas e moram no meu coração.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram e contribuem a minha vida, acrescentando sempre algo de melhor. Deus os abençoe! Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho apresenta um histórico dos movimentos sociais no Brasil principalmente sobre os movimentos negros, pois foram os que iniciaram o pensamento sobre minorias e as suas necessidades de discutir e batalhar por igualdades. Neste sentido vendo que hoje se tem um grande número destes movimentos, buscamos através do presente trabalho realizar um estudo exploratório para conhecer a visão dos alunos dos cursos de Licenciatura em Química, Física e Biologia, sobre e analisar suas visões e saber como eles tem interpretado a sociedade que estão imersos. Trazendo assim uma visão generalizada sobre os diversos temas que abrangem uma visão definida como preconceito. Observou-se que os alunos compreendem a temática, mas torna-se necessário que lhes seja concedida mais atenção para que a mesma possa ser mais viabilizada, atingindo sua devida importância.

Palavras chave: Preconceito, Movimento Negro, Direitos Humanos, UFT.

ABSTRACT

This article presents a history of social movements in Brazil mainly about of the black movements, because were those which started thinking on minorities to their needs to discuss and fight for equality. In this sense seeing that nowadays has a large number of these movements, we began to interview students of degree courses in chemistry, physics and biology, to get a vision of how they have interpreted the society they are immersed in question of preconception, identity, woman and black woman. Thus bringing a general view on various topics covering a vision defined as preconception. It was observed that students had understood the theme, not observe them of more singular mode which really presents our social context.

Keywords: Preconception, black movement, human rights FUT.

Sumário

1-INTRODUÇÃO	1
1.1-Preconceito	1
1.2-Uma visão sobre o movimento negro no Brasil	2
1.3-Ordem Cronológica dos Movimentos Negros	6
2-Metodologia	12
3-Resultados e Discussões.....	13
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
6-Anexo A	30

1-INTRODUÇÃO

1.1-Preconceito

A sociedade em geral, tem percebido e se certificado, ao longo dos anos, as diferenças existentes em sua composição e, dessa forma, baseando-se no respeito e reconhecimento dessas diferenças tem se procurado produzir uma ética de igualdade, com o intuito de se regular os relacionamentos sociais envolvidos a partir dessas diferenças.

Segundo o dicionário Globo (FERNANDES; LUFT, 1965) o preconceito é um “conceito antecipado e sem fundamento razoável; opinião formada sem ponderação”, ou seja, uma ideia preconcebida sem uma reflexão atenciosa e, que pode gerar intolerância.

De acordo com, Batista; Bandeira, (2002, p. 120) “A reflexão, que busca construir uma ponte entre o preconceito e a violência, enfatiza as diversas formas de discriminação e exclusão”. Na tentativa de minimizar as diferenças tem se procurado, por meio das informações sobre as desigualdades, o respeito acerca das especificidades e/ou particularidades que se comporta determinado grupo. Mas devido ao histórico de diferenças que faz parte da nossa sociedade e, que categoriza socialmente um ser humano como incluído ou excluído de acordo com as suas condições, foram necessários buscar formalmente os seus direitos para que pudessem ser respeitados, nas suas diferenças, como cidadãos.

Conforme a Lei Federal nº 7.716¹, de 05 de Janeiro de 1989, em seu artigo 01 declara que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor”. Sendo este artigo alterado e incluído na Lei 9.459², de 13 de maio de 1997, declarando que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

E mesmo após a conquista desses direitos, foram necessários a estruturação de movimentos sociais de afirmação identitária, assim como: negros, mulheres, pobres, deficientes entre outros; com respeito as diferenças denunciando a existência do preconceito e da discriminação. Segundo Batista; Bandeira, (2002, p.125) “O

¹ Lei Federal que define crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm.

² Lei Federal que define crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm.

sentimento de vergonha que se desejava combater (...) revelava a luta contra a atribuição social de um valor negativo à diferença do outro”.

1.2-Uma visão sobre o movimento negro no Brasil

A coroa portuguesa, desde a década de 1530, buscou incentivar a construção de engenhos de açúcar no Brasil, mas devido as dificuldades que encontraram com respeito a mão de obra e a falta de capital, alguns anos mais tarde (até 1570) esse projeto ainda não se havia consolidado. É necessário ressaltar que, nesse período, a mão de obra no Brasil era, na sua maioria, indígena, pois os poucos escravos trazidos da África trabalhavam em atividades especializadas e por esse motivo eram mais caros; “um escravo africano custava, na segunda metade do século XVI, cerca de três vezes mais que um escravo índio.” (MARQUESE, 2006, p. 05)

Em 1560, houve várias epidemias nas regiões dos engenhos, entre elas sarampo e varíola, que ocasionou a morte de muitos índios escravos, sendo necessária a reposição de mão de obra nos engenhos. Desse modo, na década seguinte, foram instituídas leis que restringiam, parcialmente, a escravização de índios. Com isso, a Coroa Portuguesa aperfeiçoou o tráfico de navios negreiros da África para o Brasil. Assim como afirma Stuart (1988 apud Marquese, 2006, p. 05):

“[...] entre 1576 e 1600,desembarcaram em portos brasileiros cerca de 40 mil africanos escravizados; no quarto de século seguinte (1601-1625), esse volume mais que triplicou, passando para cerca de 150 mil os africanos aportados como escravos na América portuguesa, a maior parte deles destinada a trabalhos em canaviais e engenhos de açúcar.”

Até a segunda parte do século XVII já havia cerca de 360 mil escravos no Brasil, vindos da África, e até 1850 (séc XIX), datado como o fim definitivo do tráfico, foram introduzidos mais de 1,4 milhão de africanos cativos. Desse momento em diante, nos anos seguintes, foram datadas algumas leis com o intuito de alforriar os negros escravos, como a lei Eusébio de Queiroz (1850), que proibia o tráfico de negros, concedendo liberdade aos que desembarcassem em território brasileiro; a lei do Ventre Livre (1871), que dava liberdade aos filhos de escravos a partir da data de sua sanção; e a lei dos Sexagenários (1885), que concedia liberdade aos escravos que completassem 60 anos; todas essas leis foram criadas com o objetivo de abolir, de forma gradativa, a

escravidão, mas devido aos poucos efeitos práticos alguns anos mais tarde, foi aprovada a lei 3.353, mais conhecida como a Lei Áurea, declarando o fim de pouco mais de 300 anos (XVI - XIX) de escravidão no Brasil.

Com a assinatura da lei Áurea pela Princesa Isabel, a escravidão no Brasil foi extinta e os negros agora poderiam viver livremente, trabalhando para ganhar o seu sustento sem a tutela de um senhor. Mas o que muitos não previam era que após a liberdade, permaneceriam da mesma forma como antes, exercendo os mesmos cargos, trabalhando em serviços duros, ganhando pouco e vivendo em condições indignas, pois não tinha outra forma de se manter. E, além disso, ter que conviver com o preconceito já enraizado na mente das pessoas após muitos anos de escravidão.

A negação de direitos e a desvalorização à população negra se tornou o elemento motivador para que estes lutassem por liberdade e igualdade. A escravidão trouxe consigo o sofrimento, a desumanidade e tirou de muitos a liberdade, mas não conseguiu roubar a esperança e o desejo de ser livre, desejo esse que foi alimentado pelos negros e passado aos seus descendentes.

Com o intuito de escaparem do sofrimento, os negros arriscavam-se planejando fugas, realizavam greves de fome e, em momentos mais agoniantes alguns tomavam decisões mais drásticas em que tinha o suicídio como solução, pois em suas crenças acreditavam que após a morte voltariam para o seu antigo lar.

Os escravos que conseguiam fugir procuravam se alojar em meio à floresta, pois ao mesmo tempo em que a mata os escondia fornecia-lhes alimento. Nesses locais construíram as comunidades quilombolas, onde os negros o tinha como o seu “lar africano” em terras brasileiras. Assim como afirma Fiabani (2005 apud Fernandes, 2009, p. 10):

“O Quilombo era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos, organizados aos moldes dos estados africanos (...) um fenômeno conta-aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos”.

O maior exemplo de resistência à escravidão foi o Quilombo de Palmares, localizado em Alagoas, liderado por Zumbi dos Palmares que segundo (FERNANDES, 2009, p. 11) “é hoje o ícone maior dos movimentos de valorização da cultura negra, é visto como um herói que conseguiu alimentar o sonho de liberdade”.

A ideia do Movimento Negro (MN) surgiu da necessidade de lutar em favor da igualdade de direitos entre brancos e negros, na autoafirmação do ser negro, no fortalecimento da memória afro-brasileira e reconhecimento de sua contribuição para a história do Brasil.

“No MN, são geridas as ações de resposta ao racismo. Historicamente, surge como espaço de obtenção de valorização de uma identidade, que mesmo após a abolição continua a ser reprimida. É um espaço onde membros marginalizados no processo social construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento.” (FERNANDES, 2009, p. 4)

O movimento negro no Brasil teve o seu passo grandioso na década de 1930 com o surgimento do Frente Negra Brasileira (FNB), mas antes mesmo do surgimento desse grande movimento existiram outros de proporções menores que tinha como meta combater o racismo no pós – abolição e que acabaram sendo extintos por forças políticas. Mas foi a década de 1970, que protagonizou grandes movimentos que revolucionaram em sua época e permanecem sólidos até hoje e, mesmo com suas estratégias particulares de trabalho possuem um só objetivo: combater a discriminação racial.

O movimento negro desde o seu início sempre procurou combater o racismo de forma inteligente sem que fosse necessário o uso de força braçal, não que isso não tenha acontecido em situações anteriores, mas, agora, no pós-abolição essa não era mais a sua principal forma de luta. O movimento negro se utilizava das palavras para poder se expressar, por meio dos noticiários, onde se fazia denúncias e relatavam suas poesias e, assim, tinham os seus escritos impressos, chamados de Imprensa Negra, como porta-voz dos negros.

A partir de então as instituições do movimento negro começaram a investir na instrução dos negros, na construção de turmas dentro das próprias instituições, na

reivindicação de vagas para os negros nas escolas entre outras, com o intuito de prepará-los para que pudessem trabalhar em melhores empregos e também defender-se de possíveis atos preconceituosos. Dessa forma, eles acreditavam que, por meio da educação, formariam cidadãos mais aptos para enfrentar a vida.

Com o passar dos anos alguns integrantes do Movimento Negro observaram que havia questões a serem tratadas de acordo com sua especificidade e, por esse motivo algumas mulheres começaram a trabalhar focadas, exclusivamente, nessas questões, mas sem deixar de lado suas contribuições ao movimento negro em geral. Aderiram então ao movimento feminista, mas por não acolherem as questões postas pelas mulheres negras de acordo com suas especificidades, terminaram por desmembrar-se do movimento e fundarem o movimento de mulheres negras. Pois de acordo com Bairros, 1995; Carneiro, 2003; Ribeiro, 1995 (apud Rodrigues 2010, p. 05) ambos os movimentos feminista e negro, respectivamente, partilhavam da ideia de que “entre as mulheres a questão racial não é fundamental; e entre os negros as diferenças entre homens e mulheres são desconsideradas”.

“A suposta igualdade preconizada dentro dos movimentos Negro e Feminista levou as mulheres negras a lutarem por suas especificidades, gerando conflitos e rupturas nas formas incipientes em que tais movimentos se apresentavam nas décadas de 70 e 80.”
Assim como afirma Rodrigues (2010, p. 05)

O movimento negro expandiu-se até chegar as universidades, o que é considerado uma iniciativa de grande importância pelos benefícios que essa conquista traz, pois a universidade é um ambiente propício para que temáticas como essa sejam discutidas, concedendo liberdade e formando cidadãos com pensamento crítico.

Dessa forma, o movimento negro continua a enfrentar muitas dificuldades, mas seguem firmes com os seus propósitos e permanecem até hoje trabalhando, procurando expandir-se e conquistar cada vez mais espaço na sociedade, mostrando suas especificidades, lutando por seus direitos e por uma sociedade mais justa e igualitária.

1.3-Ordem Cronológica dos Movimentos Negros

O período pós-abolição foi marcado por intensas lutas dos negros diante das desigualdades vivenciadas. Desse modo, fundaram instituições organizativas para que, por meio delas, pudessem formar uma força e, assim, unidos lutarem por suas causas. Ao longo dos anos, foram fundadas muitas organizações, cada uma lutando por suas causas específicas, mas todas com um objetivo em comum combater a desigualdade. Neste sentido, segue-se a ordem cronológica de movimentos negros que obtiveram um avanço significativo, alguns a nível nacional e outros em proporções estaduais, mas se destacaram pela força do seu trabalho no período vigente.

❖ Frente Negra Brasileira – FNB (1931 - 1937)

Após a abolição da escravatura (1888) o primeiro movimento social que realmente trouxe a tona a sociedade o papel do negro no Brasil foi o movimento que surgiu na década de 1930, este em São Paulo. Essa associação de caráter, em sua maioria político, mas também recreativo e beneficente, nasceu com a intenção de se tornar uma articulação nacional, visto que era necessário transformar em realidade o sonho da cidadania plena diante das práticas de discriminação racial mesmo após a abolição. Desse modo, um grupo de pessoas decidiu unir-se e lutar coletivamente, por meio de reivindicações e projetos, em busca dos seus direitos, onde uma de suas maiores bandeiras de luta foi em defesa da educação. A entidade se desenvolveu de tal forma a ponto de manter escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, cursos de formação política, de artes, assim como publicar o jornal *A Voz da Raça*. Em 1936, transformou-se em partido político, registrado como Partido da Frente Negra Brasileira, porém, no ano seguinte foi fechado com o golpe do “Estado Novo” de Getúlio Vargas, que colocava na ilegalidade todos os partidos políticos, ocasionando, assim, sua extinção. “Na primeira metade do século XX, a FNB (Frente Negra Brasileira) foi a mais importante entidade negra do país”. (Domingues, 2007 apud Fernandes, 2009).

❖ **União dos Homens de Cor – UHC (1943)**

Esta organização também identificada como **UAGACÊ**, pois assim era chamada pelos seus participantes foi fundada em janeiro de 1943 por João Cabral Alves, em Porto Alegre. A UHC tinha como objetivo primário: “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades” (Silva, 2003, p. 8)

No início foi um grupo modesto composto por seis pessoas, cinco homens e uma mulher, com profissões variadas. Após cinco anos de fundação, a UHC contava com representação em, pelo menos, 11 estados da federação. Uma característica importante na UHC é sua forma de organização, composta com diretorias nacionais, estaduais e municipais. A UHC pretendia ter uma abrangência nacional e valia-se de sua estrutura estabelecida nos locais em que estivessem presentes, desse modo, “homens negros com visibilidade social e política eram convidados a integrar a organização”. (Silva, 2003, p.08) A rede possuía um informativo que podia ser impresso e reproduzido em cada município e, assim, tornava-se cada vez mais independente, promovendo mais agilidade no alcance dos seus objetivos. Dentre suas atividades desenvolvidas estavam as campanhas educacionais.

“A UHC tem por finalidades manter moços e moças em cursos superiores, concedendo-lhes roupa, alimentação, etc. para que possam concluir os estudos [...]. E ampla campanha de alfabetização, de forma que, dentro de 10 anos não exista um único homem de cor que não saiba ler.” (Alves, 1948 apud Silva, 2003, p. 9)

A UHC entendia que, através da educação tornaria todos os seus participantes aptos, não para combater de frente e com isto provocar estímulos ao preconceito da cor, mas trabalhando essa questão da melhor maneira possível, educando e instruindo o negro para que ele se tornasse mais capacitado a desempenhar melhores encargos, podendo ter uma vida social em comum com os brancos. Este pensamento mostra a maturidade política e social deste grupo, onde percebe-se que a visão era realmente de construir um ser social que contribuísse de forma ativa para o crescimento do país.

❖ **Teatro Experimental do Negro – TEN (1944)**

O Teatro Experimental do Negro foi criado no Rio de Janeiro, liderado por Abdias Nascimento, um dos fundadores da extinta Frente Negra Brasileira.

“o TEN não nasceu para ser apenas uma reação contra a exclusão do negro no teatro. Ele foi imaginado como frente de luta, então deveria ter várias ramificações, vários setores a serem atingidos por uma ação transformadora de nossa realidade. Por isso o TEN é também uma continuação das lutas da Frente Negra, mesmo mantendo uma identidade própria. (Nascimento Abdias 2003 apud Barros, 2003, p. 16).

A proposta de ação do TEN compreendia a luta pela valorização do negro e sua cultura, através do teatro. Tinha como público alvo, operários, empregadas domésticas, pessoas sem profissão definida e modestos funcionários públicos, alfabetizava-os, oferecendo-lhes uma nova oportunidade de vida a partir da formação oferecida, demonstrando nova atitude oriunda do espaço que o grupo afro-brasileiro ocupava no contexto nacional. O seu interesse era transformar qualitativamente a interação entre brancos e negros com “um teatro que ajudasse a construir um Brasil melhor, efetivamente justo e democrático, onde todas as raças e culturas fossem respeitadas em suas diferenças, mas iguais em direitos e oportunidades” (Nascimento, 2004, p. 13).

❖ **Conselho Nacional de Mulheres Negras (1950)**

Após 20 anos de ação dos movimentos negros no país houve a fundação do primeiro movimento em defesa da mulher negra, registrando assim a organização independente de mulheres negras. Segundo Moreira (2006 apud Almeida, 2010, p. 3) “Este Conselho foi um desdobramento do Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro sob direção de Maria Nascimento”. Assim como afirma Silva (2005 apud Almeida 2010, p. 3)

“Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodora Araújo e Antonieta de Barros foram grandes lideranças negras da época. Essas três mulheres protagonizaram a luta pelo reconhecimento das mulheres negras, como também faziam a denúncia das desigualdades raciais, de gênero e social”.

❖ **Movimento Negro Unificado – MNU (1978)**

O movimento negro unificado surgiu da linha de ação político-ideológica do Instituto de Pesquisa e Cultura Negra (IPCN) em São Paulo. Como afirma Rocha (2014) “o movimento negro (...) na sua retomada nos anos 70, apresenta o IPCN como uma espécie de “entidade mãe”, pois “o regime militar impedia e dificultava a organização dos movimentos sociais, além de perseguir os já existentes.” Desse modo, muitas instituições nasceram ligadas a Igreja e outras surgiram voltadas as temáticas de pesquisa e cultura. O MNU nasceu com o intuito de abranger todo território nacional, considerando isso como um estímulo para lutar e, aproveitando o fim do regime militar para poder organizar as suas reivindicações de caráter étnico-racial, protestando contra fatos discriminatórios contra negros fazendo com que seus direitos sejam respeitados.

❖ **Grupo Negro da PUC (1979)**

Esse movimento se constituiu em uma vertente do movimento negro em São Paulo, por desenvolver atividades dentro e fora da Universidade com o intuito de intervir e desenvolver a discussão sobre a realidade racial negra na sociedade brasileira. Segundo Santos (1987, p. 1) o Grupo Negro da PUC “[...] procurou atuar no sentido de desmistificar o mito da democracia racial e do ideal de ascensão social, desnudando os mecanismos que geram a discriminação racial, responsável pelas desigualdades raciais no Brasil”.

Essa relação com a Universidade foi possível por um auto exame, que a Universidade fez sobre si mesmo, acerca de sua postura com respeito a escravidão, que a colocou ao lado de setores menos favorecidos da sociedade, esses fatores criaram um vínculo apropriado para que seus trabalhos pudessem ser desenvolvidos.

Inicialmente o único vínculo era a utilização do espaço físico da Universidade, mas com o resultado das atividades que estavam sendo desenvolvidas pelo grupo, despertaram o interesse pela temática racial negra na estrutura curricular da PUC/SP e, a partir da iniciativa de coordenadores e professores, foi aberto um espaço para discussão da problemática do negro.

Fora da Universidade o grupo palestrou em escolas de 1º e 2º graus, em ocasiões referentes a essa temática como: 13 de maio – *Dia da Abolição da Escravatura* - e 20 de novembro – *Dia Nacional da Consciência Negra*.

Sentindo a necessidade de expandir sua atuação no meio acadêmico, o grupo decidiu organizar um curso de extensão, em parceria com o Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais, como forma de inserção da temática racial ocupando um espaço na Universidade. O sucesso dessa experiência proporcionou condições para a concretização de uma antiga proposta que pretendia criar um Instituto de Pesquisa Afro-Brasileiro, capaz de fornecer embasamento teórico a prática militante do grupo, e tornou-se o IPEAFRO, tendo como coordenador Abdias Nascimento.

Abdias Nascimento foi uma figura de grande importância na luta pelos direitos do negro, participando ativamente de grandes movimentos negros como FNB, sendo um de seus fundadores. Apesar de sua contribuição ao FNB, que foi um grupo em sua maioria de caráter político, observa-se que Abdias possuía vocação para trabalhar com uma linha de ação cultural, após alguns anos do fechamento do FNB ele criou TEN, assim como o IPEAFRO e, também contribuiu com outros movimentos que trabalhavam com suas temáticas específicas, utilizando-as como forma de luta no combate ao preconceito.

❖ **Grupo de União e Consciência Negra – GRUCON (1981)**

O grupo surgiu visando trabalhar o processo de informar a sociedade brasileira acerca da situação de discriminação e desvalorização da comunidade negra. A entidade, de caráter cultural, promove cursos, seminários, debates, encontros e pesquisas sobre a realidade do negro no Brasil. Tornou-se uma entidade de caráter nacional com vários núcleos fundados, principalmente, em zonas periféricas das grandes cidades. Algum tempo depois, por questões ideológicas e políticas, houve o desligamento de algumas pessoas do grupo, pois o mesmo era composto por pessoas católicas e não católicas. Logo, houve uma heterogeneidade entre os pensamentos, pois alguns acreditavam que colocar a Igreja a serviço da causa seria de grande valia, mas os militantes de esquerda não viam com bons olhos essa relação e teciam críticas a Igreja, devido sua história antecedente em relação ao negro no Brasil. Estabeleceu – se um conflito que originou a formação dos Agentes de Pastoral Negro.

❖ **Núcleo de Consciência Negra – NCN- USP (1987)**

Foi fundada em maio de 1987, a partir da iniciativa de funcionários, estudantes e professores da Universidade de São Paulo, percebendo a necessidade de se discutir o espaço do negro no interior da instituição e na sociedade em geral. O NCN-USP é uma entidade autônoma sem fins lucrativos, de caráter sócio-político-cultural, onde tem suas preocupações voltadas para a denúncia e o combate ao racismo por meio das atividades que realiza, promovendo debates e cursos sobre a temática e desenvolvendo projetos educacionais e sócio – culturais como: curso pré-vestibular, centro de estudos de idiomas (inglês, francês e espanhol) oficinas de hip hop e grafite, dentre outros. E desta forma o NCN-USP vem acumulando, a mais de duas décadas, histórias e trabalhos realizados de combate ao racismo dentro da Universidade.

❖ **Geledés: Instituto da Mulher Negra (1988)**

É uma entidade fundada em São Paulo, com o objetivo de trabalhar a temática da mulher negra, profundamente marcada pelo seu caráter político. A organização foi estruturada em três programas: direitos humanos, saúde e comunicação atuando, também, na área educacional e oferecendo assessoria jurídica para combater a discriminação racial em um trabalho desenvolvido no serviço SOS – RACISMO. Dentre suas ações afirmativas educacionais está o Projeto Geração XXI que é uma ação pioneira no Brasil, desenvolvida em parceria com a Fundação Bank Boston, atendendo a 21 jovens negros (as) com seus estudos financiados na finalização do ensino fundamental e médio até a conclusão do ensino superior. “O Geledés foi o primeiro grupo de mulheres negras no Brasil a criar um programa de saúde, que desenvolveu atividades no campo da saúde reprodutiva e prevenção de AIDS, influenciando diversos grupos a assumirem a temática da saúde.” (Almeida, 2010, p. 4).

❖ **Criola (1992)**

Foi fundada no Rio de Janeiro e, como tantas outras organizações, sua criação se deu por muita influência do período efervescente da década de 80. A união de um grupo

de mulheres negras que pertenceu, anteriormente, ao programa de mulheres do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) e a outras várias organizações negras e instituições governamentais deu início à organização. A Criola trabalha desenvolvendo atividades nas áreas da saúde, violência, cultura e direitos humanos. Seu público alvo são crianças, adolescentes e mulheres negras, ela trabalha informando-os a respeito do racismo, sexismo e homofobia, estimulando sua auto-estima, tendo como alvo principal prepará-los para o enfrentamento dessas questões.

O presente trabalho tem como objetivo, verificar as concepções da comunidade acadêmica dos cursos de Licenciatura em Química, Física e Biologia da Universidade Federal do Tocantins, sobre a temática preconceito de forma generalizada e, também, com relação à identidade negra e da mulher.

2-Metodologia

Os primeiros passos a serem efetuados da pesquisa, foi um levantamento bibliográfico, onde se procurou informações sobre a história do movimento negro, suas ações e a importância de sua contribuição para a sociedade. Para realização deste procedimento foram utilizados artigos científicos e dissertações, adquiridos via *web*, onde os mesmos foram examinados com respeito a sua procedência.

O passo seguinte se deu na elaboração do questionário sobre a temática a ser discutida, com o intuito de investigar e entender o que os entrevistados pensam sobre essa temática, de que maneira ela é trabalhada na instituição e quais contribuições têm sido geradas, por meio das ações de grupos institucionais presentes na mesma.

A pesquisa foi realizada durante o mês de Abril na Universidade Federal do Tocantins campus de Araguaína. O questionário (Anexo A), composto por 11 perguntas, sendo dez objetivas e uma discursiva, foi aplicado aos graduandos dos Cursos de Ciências Naturais (Biologia, Física e Química) abrangendo todos os períodos. Participaram da pesquisa 36 alunos e, após a investigação, os dados colhidos foram tabulados e lançados em um gráfico, de acordo com cada pergunta, para um melhor entendimento sobre o resultado assim adquirido e, assim, pôde-se desenvolver uma discussão sobre os devidos resultados.

3-Resultados e Discussões

Foram colhidos 36 questionários dos alunos graduandos dos cursos de Química, Física e Biologia abrangendo diferentes períodos, no qual se obteve as opiniões dos entrevistados de acordo com as perguntas elaboradas. Durante a entrevista houve momentos de conversa informal as quais contribuíram de forma indireta para a construção deste trabalho, os alunos entrevistados a naturalmente discutiram sobre a ótica pessoal, e ampliou o pensamento contido no questionário.

A questão 01 foi elaborada com o intuito de saber se as pessoas acreditam na existência do preconceito e se o mesmo ocorre somente em algumas situações ou, ainda, se nunca presenciaram tal fato.

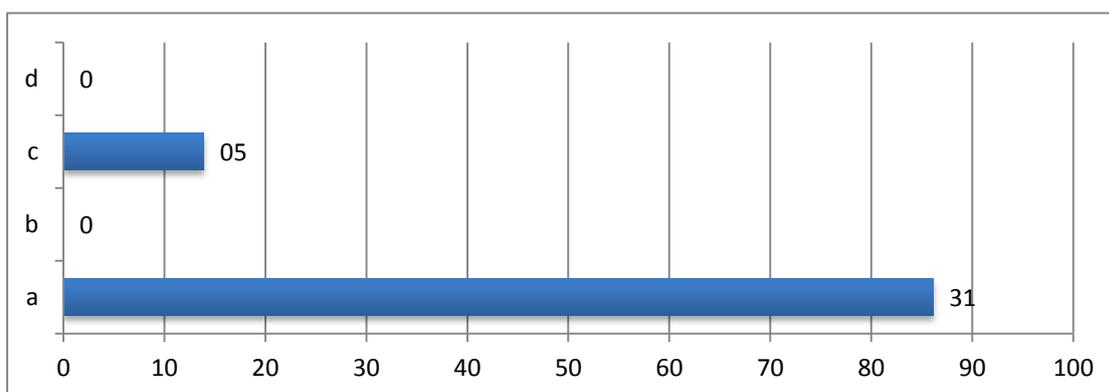


Gráfico 1 – Você acha que existe preconceito?

Dentre os entrevistados 31 marcaram a alternativa “a” (Sim), afirmando existir o preconceito e 05 marcaram a alternativa “c” afirmando que o preconceito pode ocorrer “em algumas situações”. Neste sentido observa-se que os entrevistados poucos citaram em algumas situações, isto se dá principalmente a fatos que hoje estão sendo bem discutidos com a abertura da rede de computadores, então vemos casos de pessoas que tem tido seus direitos de cidadão cerceados, em compras de automóveis, recepções de hotéis, boates, entre outros, principalmente quando o local é estruturado para receber a elite da sociedade, este tipo de preconceito é até sentido por celebridades da sociedade negra.

Outra questão a ser considerada é sobre a influência que o status social tem em relação à forma de como se é tratado, o dilema não está em ser somente negro, mas em ter ou não poder aquisitivo, a pessoa negra ou branca sendo rica é bem tratada, assim

como qualquer outra pessoa de classe alta e, mesmo que em algum momento ele possa não ser bem tratado por algum motivo muitas vezes, revida, reivindicando um bom tratamento alegando ter condições e pagar mais caro, mas quando a pessoa não porta bens materiais, ou mesmo é rica, mas não aparenta, sendo branca ou negra, ela pode se tornar alvo de discriminação em algumas ocasiões.

É possível analisar também certo preconceito cultural em relação as pessoas, com respeito ao seus costumes e a forma como se comportam, onde os hábitos adquiridos de uma pessoa pelo meio social em que ela vive, torna-se alvo de críticas. Neste sentido é notório que muitas pessoas estabelecem seus próprios padrões dentro daquilo que consideram ser o mais correto a se seguir e, os que não se encaixam nesses “padrões sociais” tem sua conduta repreendida por considerarem que aquilo que se faz, a maneira como se pensa e/ou age, mesmo que seja com relação a estilos de vestimentas, são julgadas como algo incorreto. Torna-se cabível considerar que esta observação é, também, válida para prática religiosa, onde o preconceito existe não somente de religião para religião, mas entre membros de uma mesma religião, em que alguns sendo mais radicais com respeito aos costumes da religião consideram errado o modo como outros membros se comportam em relação a esses costumes, e os têm como rebeldes que não valorizam os princípios e condutas da mesma, refletindo essa forma de pensar na maneira como tratam essas pessoas.

Outra observação relevante é o preconceito profissional, onde o trabalhador é considerado incapacitado para tal função por motivos como: a cor da pele, alguma deficiência, sexo, orientação sexual entre outros. Considerar que um trabalhador não é apto para exercer determinado cargo e/ou função por acreditar que, segundo os motivos citados acima entre outros, a pessoa torna-se limitada para os padrões sociais exigidos para o referido cargo, isto não é justificativa para uma atitude preconceituosa. Até porque, isto não minimiza, ou incapacita uma pessoa de assumir uma determinada função e realizar as atividades que a mesma exige, já que ela possa ser qualificada para tal. Ou mesmo ter preconceito por uma pessoa por sua profissão, sendo considerada inferior das demais, por provavelmente ser exercida em ambientes onde, em sua maioria, não são de representantes da classe dominante, como exemplo a profissão de gari. Nenhuma profissão deve ser desconsiderada, sendo todas dignas se exercidas de modo honesto, não cabe a nenhum ser decidir quem é superior ou inferior pelo que possui.

(Petit Robert, 2009 apud Batista, 2002, p. 126) Preconceito significa “fazer um julgamento prematuro, inadequado sobre a coisa em questão”. Ele existe, mas pode ser manifestado somente em algumas situações e, muitas vezes é camuflado, que é o que acontece na atualidade.

A questão 02 foi desenvolvida para se complementar a questão anterior, entende-se que, se o preconceito de fato existir ou se ocorrer em algumas situações, o que pode originá-lo. Como foi descrito anteriormente, o preconceito é um pré-julgamento que pode gerar a intolerância, mas sabe-se que sua origem pode ser influenciada, pela cultura que se vive, pela influência de familiares (anciãos), pela convivência com os amigos ou mesmo pelos próprios conceitos formados para si produzindo uma interpretação pessoal de tal assunto ou pessoa.

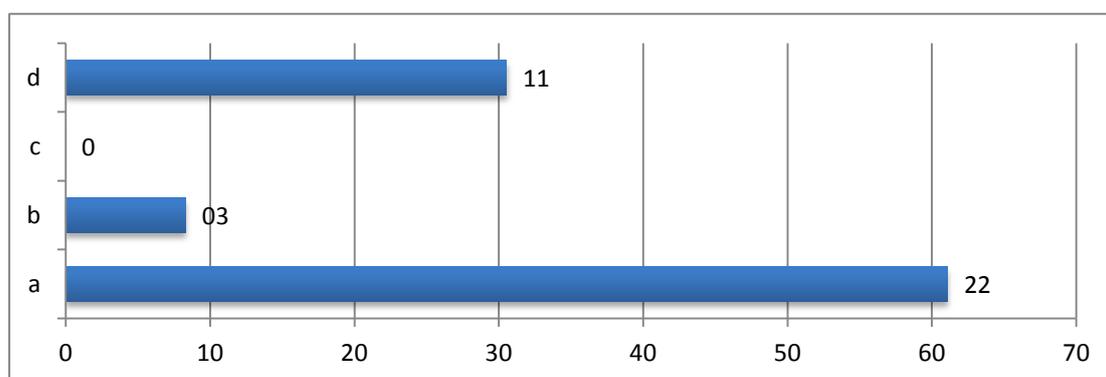


Gráfico 2 – O que origina o pensamento preconceituoso?

Das alternativas oferecidas, 22 marcaram a alternativa “a”, afirmando que o pensamento preconceituoso é originado na cultura social, 03 marcaram a alternativa “b” considerando que sua origem pode vir da influência de pessoas mais velhas e 11 consideraram que o pensamento pode ser originado por interpretação pessoal assinalando a alternativa “d”, dentre os entrevistados não houve quem considerasse que o convívio com amigos pudesse originar um pensamento preconceituoso.

Considera-se que o preconceito pode ser originado a partir dos ambientes que se costumam frequentar, abrangendo a cultura que se está inserido, a influência de pessoas do lar (familiares e/ou mais velhos) e os amigos que se tem desde que, a pessoa se deixe ser induzido por tal comportamento e, isso acontece, muitas vezes, quando não se tem um pensamento formado sobre determinado assunto. Mas o contrário também ocorre, quando a pessoa já é dotada de seus próprios conceitos, sendo estes preconceituosos ou não e, por influência externa examina-os e assim, modifica.

Neste sentido deve-se observar que a formação cultural do cidadão inicia-se a partir de sua infância, com isto temos que nos alertar para a importância da discussão sobre preconceito na sociedade, para as crianças e adolescentes principalmente, claro que de forma que ela compreenda o que se quer esclarecer, pois as crianças e adolescentes têm com referência o adulto e a sociedade que ele está inserido como o certo.

A questão 03 foi elaborada com o intuito de entender em que momento pode ocorrer uma atitude preconceituosa, considerando que em todas as alternativas é possível que isso aconteça, mas o que se pretende é ter uma noção de qual lugar isso pode ocorrer com maior frequência.

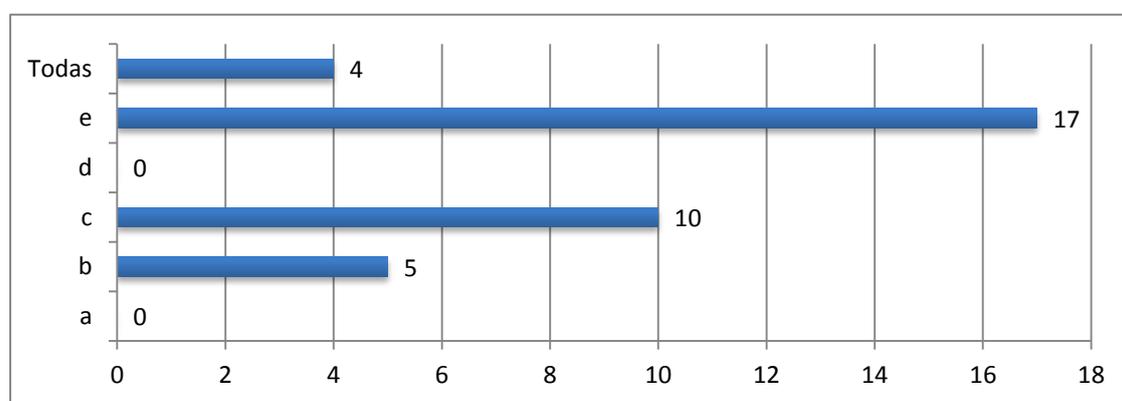


Gráfico 3 – Onde pode existir a atitude preconceituosa?

Dentre os entrevistados 05 assinalaram a alternativa “b” afirmando que pode existir atitude preconceituosa na rua, 10 marcaram a alternativa “c” considerando sua existência na escola, 17 assinalaram a alternativa “e” dizendo que pode acontecer em atividades sociais (praças, cinema, estabelecimentos entre outros) e, ainda, 04 pessoas marcaram todas as alternativas julgando que o preconceito acontece em todos os lugares.

Neste sentido nota-se que os entrevistados percebem que uma atitude preconceituosa, pode sim ocorrer em diferentes ambientes sendo que, essa atitude pode partir de pessoas mais próximas, em casa, no trabalho e na escola ou, pode ser que isso venha acontecer por alguém nunca antes visto, como na rua e em atividades sociais. É possível observar que em lugares que se convive, como em casa, por exemplo, é muito mais difícil se enfrentar uma atitude preconceituosa, pois entende-se que este é o ambiente onde a pessoa deveria ser acolhida e abraçada pelos familiares apesar das

diferenças, mas isso nem sempre acontece, pois muitas vezes, por consequência da não aceitação de situações ocorre o distanciamento dos membros da família. Assim, também, pode acontecer na escola e no trabalho, a pessoa é excluída do convívio por alguns colegas por motivos que os mesmos acreditam ser relevantes para tal atitude.

Outro fato a ser considerado é a atitude preconceituosa partindo de pessoas desconhecidas, que pode acontecer na rua, em algum estabelecimento, em uma praça entre outros. Isto se dá por vários motivos e, como já descrito anteriormente, essa atitude pode acontecer por aquilo que as pessoas enxergam ser correto ou incorreto.

A questão 04 foi desenvolvida com o objetivo de saber se os alunos entrevistados consideram que a universidade trabalha essa temática de forma relevante, como sendo algo de necessário para sua formação, contribuindo assim para uma melhor preparação do profissional de ensino, já que hoje se tem muita discussão sobre este assunto na mídia, e conseqüentemente atingirá o ambiente de trabalho de um professor.

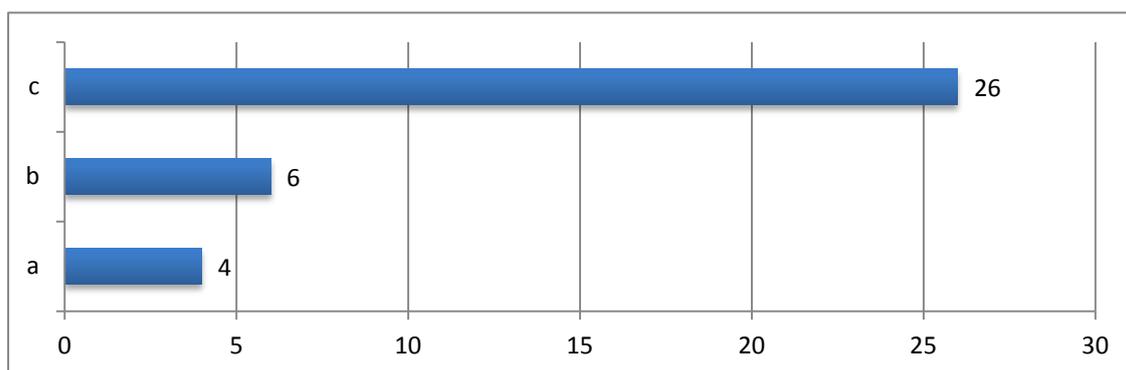


Gráfico 4 – A universidade trabalha a temática preconceito de forma relevante?

Dentre os alunos entrevistados 04 marcaram a alternativa “a” (Sim) assegurando que a universidade trabalha a temática de maneira relevante, 06 escolheram a opção “b” afirmando que a universidade não trabalha a temática de maneira relevante e 26 assinalaram a alternativa “c” considerando que essa questão é trabalhada de maneira relevante em algumas disciplinas específicas. Neste sentido, observa-se que a universidade tem procurado trabalhar cada vez mais essa temática, seja por meio de alguma disciplina específica ou eventos que tenham esse tema como foco de discussão, mas apesar de tudo isso é preciso reconhecer a necessidade de um debate maior sobre o assunto, para que se possam colocar em pauta os diferentes pontos de vista, e que isso proporcione uma análise mais detalhada de modo que demonstre o que precisa ser feito e o que já se realiza, mas pode ser aperfeiçoado.

A questão 05 foi elaborada com o objetivo de saber se os estudantes consideram a universidade um ambiente influenciador no tocante a auto identificação negra, pois a instituição possui um grande número de negros entre os discentes, e de que forma ela pode influenciar, se de forma social ou pessoal, pois se entende que a universidade é um lugar que proporciona uma liberdade maior e isso se reflete no comportamento dos discentes. É importante ressaltar que a população do nosso estado é, em sua maioria, negra e parda, “segundo o que mostra o CENSO do IBGE de 2010 que até então, 72,25% da população total do estado era composta por negros e pardos”.

Na zona rural do Tocantins, encontra-se um número significativo de comunidades quilombolas. Atualmente, são certificadas pela Fundação Cultural de Palmares, 29 comunidades quilombolas, mas o número exato de comunidades existentes é, ainda, desconhecido.

Considerando que o quilombo é uma forma de resistência e, assim como foi afirmado anteriormente, é o lugar onde se reafirma sua cultura e o seu estilo de vida, torna-se importante destacar a sua importância, pois o número de negros fugitivos influenciou de forma relevante a composição da população e a cultura do estado.

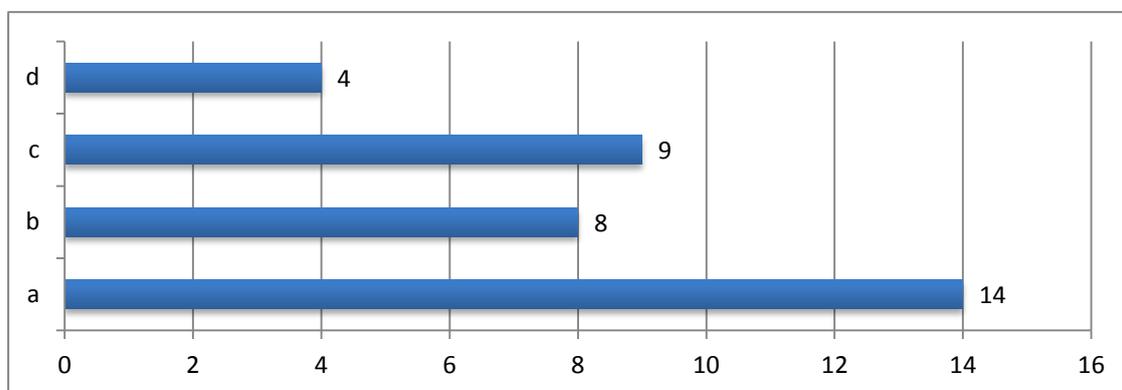


Gráfico 5 – Você acredita que a universidade influencia na auto identificação, como ser negro.

Das alternativas ofertadas 14 marcaram a letra “a” afirmando ser a universidade um influenciador na auto identificação, 08 assinalaram a alternativa “b” informando que não a consideram como influenciador, 09 pessoas optaram pela alternativa “c” considerando que a universidade influencia de forma social e, 04 dentre os entrevistados marcaram a alternativa “d” afirmando que a universidade influencia de forma pessoal.

Entende-se que a universidade é um lugar onde desde muito cedo se estimula o aluno a pensar criticamente e por esse motivo torna-se um ambiente que propicia a discussão sobre diversos assuntos, inclusive o que está em pauta: preconceito; isso faz com que os alunos a partir desse estímulo comecem a refletir e perceber sobre o que acontece ao seu redor, e como isso afeta sua pessoa e, dessa forma, impor-se diante de alguma situação preconceituosa, onde ele pode se tornar alvo de críticas. As oportunidades de discussão que a universidade oferece provocam no aluno reflexões sobre algo que, talvez, antes nunca se havia pensado ou, ainda, traz uma diferente visão sobre o que se discutiu e, isso produz mudanças de pensamentos, de hábitos, sendo refletido em seu proceder.

Desse modo, pode-se considerar que essa mudança comece aceitando-se a si mesmo e se respeitando como negro, com seus traços peculiares (cor da pele, cabelo, biotipo). Considera-se que o pensar crítico consiste em receber informações, analisá-las e guardar para si aquilo que se julga proveitoso e a partir desse momento se permitir ser moldado por tudo que aprendeu e, desse modo ser influenciado pessoalmente modificando em si algum sentimento e/ou pensamento, se revelando ser uma pessoa ainda não conhecida aceitando-se como tal. E então, esse ser moldado tem a capacidade de provocar mudanças no meio em que vive, influenciando outras pessoas.

A questão 06 foi desenvolvida com o propósito de saber se os alunos já participaram de algum evento, na instituição, que tivesse como foco de discussão o tema preconceito, e com isto observar se os mesmos procuraram este tema dentro dos eventos e assim determinar o interesse da comunidade com relação à temática deste trabalho.

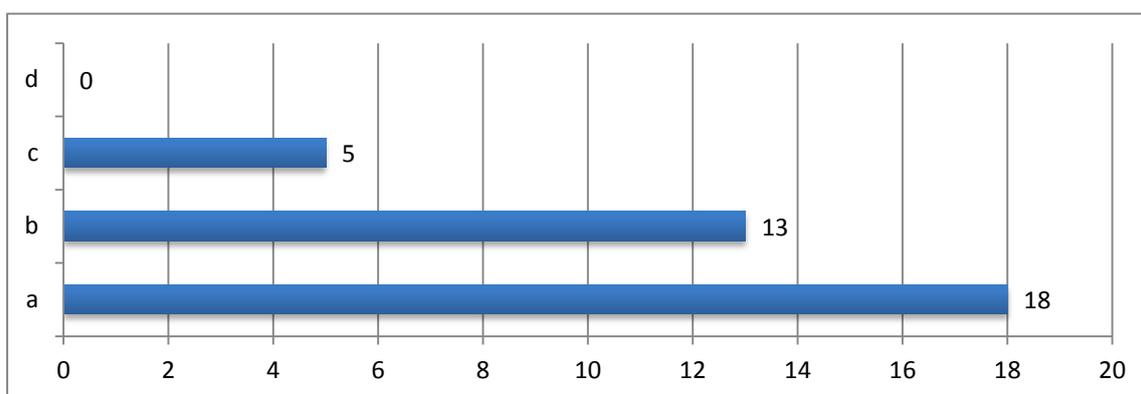


Gráfico 6 – Você já participou de algum evento na UFT que abordasse o tema preconceito?

Dentre os entrevistados 18 pessoas assinalaram a alternativa “a” dizendo já ter participado de algum evento na instituição, 13 optaram pela “b” afirmando não ter participado de nenhum evento e 05 marcaram a opção “c” tendo a oportunidade de poder participar do evento, mas não compareceram. Observa-se que, de modo equilibrado, os alunos tem procurado se informar sobre o assunto, aproveitando as oportunidades que surgem e participando de eventos que tem como sugestão de debate essa temática.

Apesar de que, como já argumentado anteriormente, é necessário que se promova mais discussão, mas pode se considerar como um ponto positivo o fato de esse tema estar sendo, gradativamente, recebido pelos estudantes de licenciatura e cada vez mais sendo discutido.

Neste sentido percebe-se que a “sociedade” UFT, tem uma abertura para discussão da temática revelando que seus discentes sentem a necessidade de compreender ou mesmo de se familiarizar com este tema tão aberto a sociedade em geral. Na participação dos estudantes, entende-se que, sendo eles futuros formadores de opinião e de ideias, levar um conceito mais elaborado sobre preconceito é de certa forma vantajoso para o profissional de ensino.

A questão 07 foi desenvolvida com o intuito de saber se os estudantes tem conhecimento de algum grupo institucional que trabalhe tendo como foco de discussão a temática preconceito.

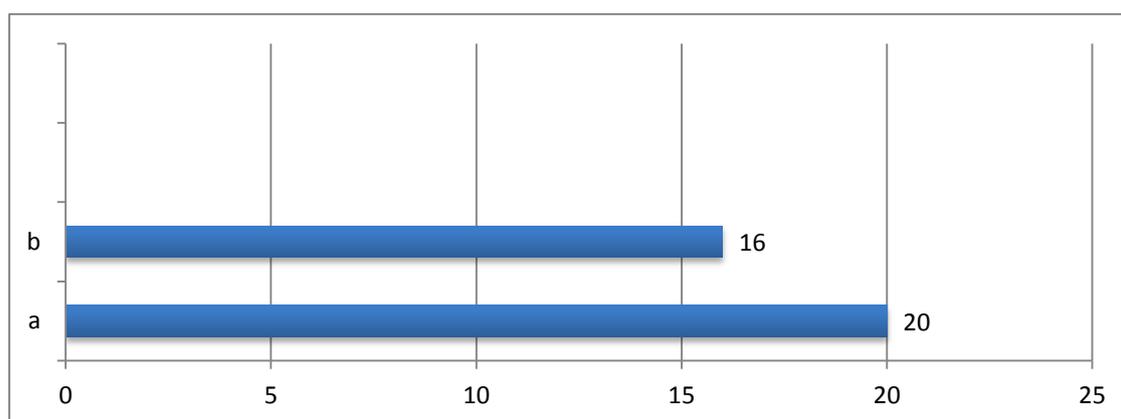


Gráfico 7 – Você conhece os grupos institucionais da UFT que de alguma forma trabalhem este tema?

Dentre os entrevistados, 20 pessoas assinalaram a questão “a” afirmando conhecer grupos que trabalhem a temática preconceito na instituição e 16 marcaram a questão “b” dizendo não conhecer nenhum grupo. Diante disso, nota-se a necessidade de se expandir um pouco mais, um trabalho que já se desenvolve na instituição durante um tempo, para que mais estudantes tenham conhecimento da existência destes e possam saber do trabalho que prestam a comunidade acadêmica, considerando, também que alguns dentre os entrevistados são de períodos iniciais e, ainda, não tiveram oportunidade de conhecer o que a universidade oferece. A universidade é composta por alguns grupos como: Kizomba, Flor de pequi entre outros, que trabalhem essa temática entre si e desenvolvem alguns trabalhos dentro da instituição voltados a isso.

Apesar de a maioria afirmar conhecer, é necessário ressaltar que possa haver pessoas que, de certa forma, não manifestem interesse por tal assunto devido suas próprias convicções e, dessa forma, presta-se respeito diante de tal opinião.

A questão 08 foi desenvolvida com o intuito de entender se os entrevistados consideram que a sociedade trata homens e mulheres de maneira igual ou se isso pode ocorrer em certos momentos, buscando entender em que se baseia essa forma diferencial no tratar e de que forma ela pode ser expressa, pois se considera que o homem é a mente pensante, o sustentador da casa e, dessa forma, muitas vezes tem se desconsiderado o outro por questão de gênero.

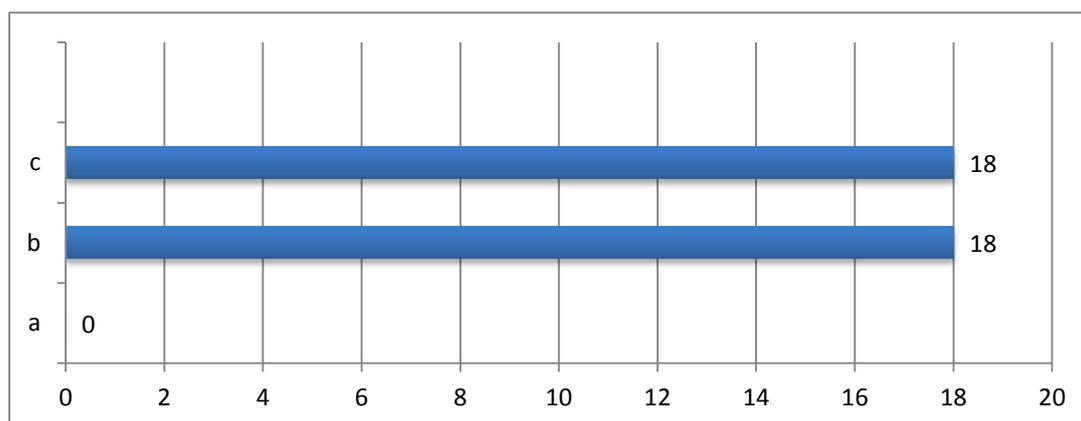


Gráfico 8 – A nossa sociedade trata a mulher igual ao homem.

O resultado da questão mostra que entre os entrevistados 18 pessoas marcaram a alternativa “b” afirmando que o tratamento entre mulher e homem não é igual pela sociedade e, 18 pessoas marcaram a opção “c” considerando que em certos momentos o

a mulher é tratada igual ao homem, dentre os entrevistados não houve quem optasse pela alternativa “a”.

Neste sentido diante de um resultado, de certa forma, equilibrado observa-se que a sociedade tem tratado, em certos momentos, homem e mulher de maneira diferente, isso se dá, por exemplo, em situações no ambiente de trabalho, onde a mulher pode ganhar um salário inferior ao do homem, mesmo tendo cargos semelhantes; outra questão a ser considerada é a mulher, em alguns casos, não exercer cargos de liderança por considerar que ela não tem “pulso firme” ou, ainda, se ela chegar a exercer devido cargo e, no período vigente a sua liderança, houver algum momento embaraçoso que cause instabilidade, ela pode ser alvo de críticas, com respeito a sua competência administrativa, por ser mulher.

Outro exemplo que pode ser considerado é a mulher trabalhar e ter um salário superior ao do homem e, este sentir-se inferiorizado ou, ainda, o homem ser o único provedor do lar e não aceitar que a mulher trabalhe, pois ela deve permanecer em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos.

Torna-se importante ressaltar que, atualmente, essas diferenças têm se minimizado por conta da luta de movimentos que buscam igualdade de direitos entre gêneros, mas não se pode negar que situações como essa ainda ocorrem. E como nos exemplos citados acima, que remete a situações que ocorrem em um lar, observamos que, hoje, a composição das famílias vem mudando, não é mais somente, pai, mãe e filhos, mas existem famílias em que a mulher é solteira, divorciada ou viúva e, dessa forma, tem exercido o papel de provedora e administradora da casa e, não somente isso, mas tem mostrado ser competente, também, no mercado de trabalho.

A sociedade pode, ainda, tratar a mulher de maneira diferenciada do homem em alguns momentos, mas a mulher tem mostrado que pode estudar realizar-se profissionalmente e que sua função não se limita a casa e a criação dos filhos. Deve-se observar que as mulheres hoje exercem jornada dupla de trabalho, pois atendem “Trabalho x Casa”, este fato demonstra que a mulher tem que ser muito forte, as cobranças sociais sobre a mulher hoje leva a mesma a ter uma carga de trabalho maior que o do homem.

A questão 09 foi desenvolvida com o objetivo de saber se as pessoas consideram que há um tratamento diferenciado em relação às mulheres brancas e as mulheres negras ou, se isso ocorre em certos momentos, buscando entender o que pode motivar tal diferença e em que situação isso pode ocorrer, pois assim como foi discutido anteriormente, sobre a diferença, ainda existente, no tratamento em relação a homem e mulher, pretende-se observar se há essa diferença entre as mulheres negras e brancas.

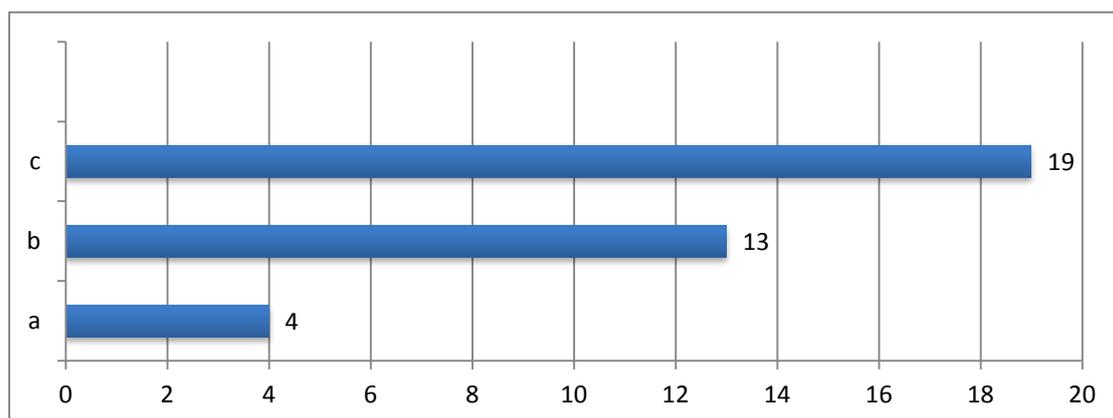


Gráfico 9 – As mulheres negras são tratadas de forma igual as brancas.

De acordo com o resultado obtido, dentre os entrevistados 04 assinalaram a alternativa “a” afirmando que as mulheres negras são tratadas igualmente as brancas, 13 pessoas optaram pela alternativa “b” considerando que as mulheres negras não são tratadas de maneira igual às brancas e, 19 pessoas escolheram a alternativa “c” afirmando que pode ocorrer diferença de tratamento entre as mulheres negras e brancas em certos momentos.

Observa-se que, assim como em alguns momentos pode ocorrer diferenças na forma de tratar um homem e uma mulher, em certos momentos isso, também, ocorre entre mulheres negras e brancas; essas diferenças no tratar podem vir a ocorrer em situações como, a compra de vestuário ou de algum acessório, onde se pode tecer algum comentário incitando que tal objeto ou vestimenta não lhe cai bem, ou em um estabelecimento de beleza onde pode acontecer que possa se proferir comentários comparativos em relação aos cabelos com o intuito de expor a “qualidade” de cada cabelo.

Cabe aqui ressaltar, também, quanto à diferença no tratamento de mulheres negras que se relacionam com homens brancos, onde, muitas vezes, as pessoas podem

não comentar, mas causa certa estranheza, e a maneira como olham demonstra aquilo que se pensa.

A questão 10 foi elaborada tendo como objetivo saber se os entrevistados tem conhecimento da existência de algum movimento social que trabalhe em defesa da mulher negra, sendo aqui na cidade ou através da mídia e, desse modo, observar a abrangência do trabalho desenvolvido por meio desses grupos que se dedicam por causas tão específicas.

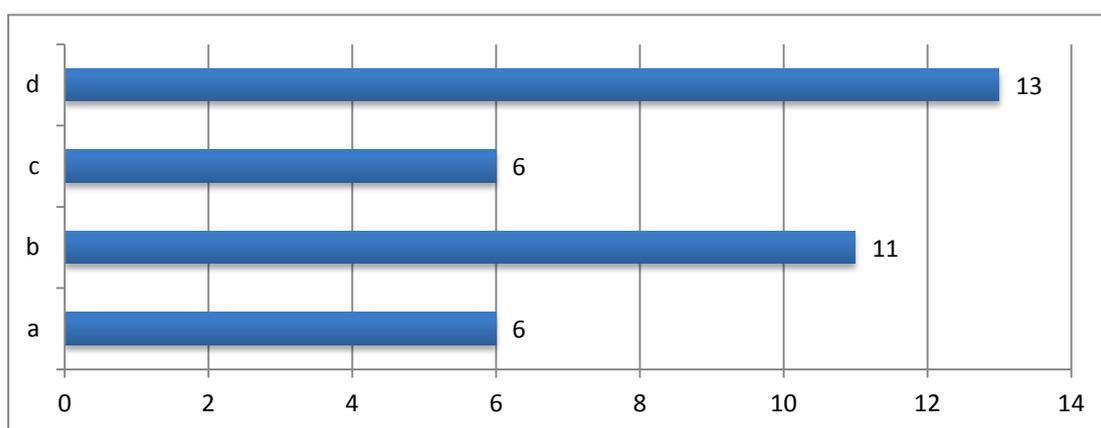


Gráfico 10 – Você conhece movimentos sociais de defesa da mulher negra?

Dentre os entrevistados, 06 assinalaram a opção “a” afirmando conhecer movimentos sociais, 11 assinalaram a opção “b” afirmando não conhecer, 06 marcaram a alternativa “c” dizendo não ter conhecimento de movimentos sociais de defesa da mulher negra aqui na cidade e 13 marcaram a alternativa “d” dizendo conhecer só por meio da mídia. Neste sentido observa-se que os entrevistados, em sua maioria, tem conhecimento de movimentos de mulheres negras não somente aqui, mas de outros lugares, isso mostra a abrangência do trabalho na qual desenvolvem, que é importante, pois dessa forma a sociedade tem conhecimento das causas pelas quais esses movimentos têm lutado. Esses movimentos têm trabalhado questões sobre a identidade negra, o seu papel na sociedade e sua influencia, na luta em defesa dessas mulheres por mais oportunidades, assim como a beleza negra e suas peculiaridades e, dessa forma, tem se utilizado dessa estratégia para se discutir sobre autoestima e auto aceitação.

A questão 11 foi elaborada com o intuito de saber a opinião dos entrevistados sobre o preconceito com relação a mulheres negras. Desse modo, foram selecionadas algumas opiniões e estão descritas a seguir.

Aluno A: *“Acredito que a mulher já sofre o preconceito da sociedade apenas por ser mulher, sendo negra então é vista com outros olhos. De forma implícita a mídia acaba por trazer sempre a figura da negra como a cozinheira, a babá, a doméstica. E nós vamos nos acostumando. Felizmente, atualmente as mulheres estão dando mais valor as suas origens e reassumindo seus cachos, talvez pareça pouco, mas é um grande passo para a redução do preconceito.”*

Ao longo dos anos, a mulher negra na mídia tem saído da atuação de papéis considerados secundários ou de figurantes para papéis com maior visibilidade como o de protagonista ou antagonista, essa mudança demonstra um reconhecimento diante do que se visualizava a anos atrás em que sua figura era sempre trazida como a doméstica, a mulher que trabalha na cozinha entre outros. É importante esse reconhecimento, pois isso mostra que as pessoas não estão se acomodando diante dessa imagem transmitida e, estão buscando esse reconhecimento através da valorização de sua identidade.

Aluno B: *“Ao longo dos anos sempre houve grande preconceito por parte da sociedade em relação as mulheres negras. A própria mídia coloca um padrão de beleza que deve ser seguido, e que nós mulheres negras não nos enquadrados, tais como: olhos azuis, cabelo liso, pele clara. Esses padrões contribui para esses tipos de preconceito, além de influenciar as crianças negras a não se aceitarem como são.”*

É necessário que se discuta esse assunto com crianças e adolescentes dando-lhe a devida importância, esclarecendo sobre esses padrões de beleza que a mídia impõe para que a criança e/ou adolescente que, não se sente enquadrado dentro dos padrões pré-estabelecidos, não seja influenciado a ponto de não se aceitar como são.

Aluno C: *“Eu acredito que o preconceito esteja mais ligado em relação a classes sociais. Se o negro, por exemplo, é pobre ele será mais discriminado que o branco, mas se o negro for rico certamente ele será igualado ao branco”.*

Aluno D: *“O preconceito com as mulheres negras, por mais que em muitos casos seja negado, está implícito hoje nas falas mais comuns ‘não sou suas negas’, dando ideia de que mulheres negras, somente, são mulheres que não possuem valor e não se dão ao valor, fato este que não está restrito a uma etnia ou classe social. Mulher negra acima de tudo é mulher, e como todas elas, merece respeito”.*

É possível que em algumas ocasiões se presencie essas falas que, na maioria das vezes, passam de maneira despercebida como se fossem muito comuns, mas se por um momento, parar para analisar o que está sendo dito percebe-se que o preconceito está implícito nessas falas e que, as mesmas, transmitem uma mensagem desrespeitosa, minimizando o valor da mulher negra.

Aluno E: “Apesar de existir muitas campanhas de conscientização contra o preconceito a mulher negra, ainda existe uma grande desigualdade de tratamento. Porém, o que mais causa essa indiferença é a própria aceitação da mulher em ser negra, ela sente-se inferior e isola-se da sociedade”.

O preconceito, muitas vezes, é propagado pela falta de posicionamento das mulheres negras diante de alguma atitude preconceituosa e, isso vem da própria mulher em se aceitar e não alimentar nenhum sentimento de inferioridade a seu respeito. A atitude faz parte daqueles que buscam vencer obstáculos que possam surgir em sua trajetória de vida e, não é diferente diante de algum preconceito sofrido, é preciso se impor e tomar postura e, dessa forma, minimizar o preconceito.

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho demonstra que entre os alunos dos cursos de Licenciatura em Química, Física e Biologia, existe uma consciência da existência do preconceito em nossa sociedade, seja ele em uma visão financeira, cultural, trabalho e raça.

No entanto, observou-se que alguns alunos ainda não tem consciência sobre os diversos tipos de preconceito, e que a discussão sobre a temática preconceito, ainda não atingiu sua devida importância, isto se vê quando uma pequena, mas importante quantidade, dos entrevistados dizem não perceber diferença no tratamento entre mulheres ou, ainda, afirmar que a universidade não influencia na auto identificação e, também, não trabalha a temática de maneira relevante havendo, em um momento, coincidência entre as questões; outro fato relevante é que dentre os que acreditam que a universidade não é influenciadora, consideraram que a mesma trabalha a temática somente em disciplinas específicas. Percebe-se que, também, semelhanças nas considerações que os entrevistados fizeram em relação ao tratamento entre homens e mulheres, afirmando não serem as mulheres tratadas, pela sociedade, de igual modo com os homens.

Contudo, é importante que esta temática seja cada vez mais discutida para que seja mais viabilizada e tratada com a devida atenção, despertando, assim interesse e atingindo pessoas que a desconhecem.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lady Christina de. **PROTAGONISMO E AUTONOMIA DE MULHERES NEGRAS, A EXPERIÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES: GELEDÉS E CRIOLA.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278264515_ARQUIVO_textofazendogeneroformulario.pdf. Acesso em: 14 abril. 2016.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos Feministas.** Ano. 10, p. 119-141, Abril. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf> Acesso em: 07 jun. 2016.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O movimento negro ao longo do século XX: Notas históricas e alguns desafios atuais.** 2004. Disponível em <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/mangolin-o-movimento-negro-ao-longo-do-seculo-xx-2003.pdf>. Acesso em 13 abril. 2016.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação.** v. 13, n. 39, p. 517-596, Julho. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/08.pdf> Acesso em 11 abril. 2016.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo.** 25ª ed. São Paulo: Globo S.A, 1965.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. **Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira.** 2009. Disponível em http://www.africaafricanidades.com.br/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf Acesso em: 01 jun. 2016.

GONÇALVES, Paulo Rogério. **Os Territórios Quilombolas no Tocantins.** Agosto, 2002. Disponível em <http://www.apato.org.br/documentos/cartilha-quilombolas-do-tocantins-web.pdf>. Acesso em 09 junho. 2016.

Jornal do Senado; Assinada a Lei Áurea. Disponível em http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos_jornal/arquivosPdf/encarteabolicao.pdf Acesso em 08 jun. 2016.

Lei Federal que define crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm. Acesso em: 07 jun. 2016.

Lei Federal que define crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm. Acesso em: 07 jun. 2016.

Lei Áurea (1888) Manuscrito. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/385454>. Acesso em 08 jun. 2016

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A Dinâmica da Escravidão no Brasil**. Novos estudos, Bogotá-COL, p. 107-123, Março, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29642.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões**. São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a19v1850.pdf>. Acesso em: 12 abril. 2016.

Núcleo de Consciência Negra. **Estudos Avançados**. v. 18, n. 50, p. 332-333. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a30v1850.pdf>. Acesso em 14 abril, 2016.

ROCHA, José Geraldo da. **Movimentos Sociais e Negritude no Brasil**. Revista da ABPN, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 24-60. Nov. 2013 – Fev. 2014. Disponível em <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/394/287>. Acesso em 14 abril. 2016.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. **Psicologia & Sociedade. Movimento de Mulheres Negras: Trajetória Política, Práticas Mobilizatórias e Articulações com o Estado Brasileiro**. v. 22 n. 3. p. 445-456, Agosto. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a05.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2016.

SANTOS, Gevanilda Gomes dos. Grupo Negro da PUC/SP. **Cad. Pesq.** São Paulo, n. 63, p. 135-136, Novembro. 1987. Disponível em <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/628.pdf>. Acesso em 15 abril. 2016.

SILVA, Joselina. **A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40e 50**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-46X2003000200002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 11 abril. 2016.

6-Anexo A

Questionário aplicado aos discentes da Universidade Federal do Tocantins.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS **PESQUISA SOBRE PRECONCEITO, PARA A LIC. EM QUÍMICA UFT**

1) Você acha que existe preconceito?

- a) Sim
- b) Não
- c) Em algumas situações
- d) Nunca vi

2) O que origina o pensamento preconceituoso?

- a) A cultura social
- b) Influência dos mais velhos
- c) Convívio com amigos
- d) Interpretação pessoal

3) Onde pode existir a atitude preconceituosa ?

- a) Em casa
- b) Na rua
- c) Na escola
- d) No trabalho
- e) Em atividades sociais

4) A universidade trabalha a temática preconceito de forma relevante?

- a) Sim
- b) Não
- c) Em algumas disciplinas específicas.

5) Você acredita que a universidade influencia na auto identificação, como ser negro.

- a) Sim
- b) Não
- c) De forma social.
- d) De forma pessoal

6) Você já participou de algum evento na UFT que abordasse o tema preconceito?

- a) Sim
- b) Não
- c) Tive oportunidade, mas não fui
- d) Não tenho interesse

7) Você conhece os grupos institucionais da UFT que de alguma forma trabalhem este tema?

- a) Sim
- b) Não

8) A nossa sociedade trata a mulher igual ao homem

- a) Sim
- b) Não
- c) Em certos momentos

9) As mulheres negras são tratada de forma igual as brancas

- a) Sim
- b) Não
- c) Em certos momentos

10) Você conhece movimentos sociais de defesa da mulher negra?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não conheço nenhum aqui na cidade
- d) Só por meio da mídia

11) Dê sua opinião sobre o preconceito com relação a mulheres negras .

Eu,

_____, disponibilizo o questionário por mim respondido para ser utilizado pela Aluna Nayze Barbosa Silva na elaboração de seu TCC.

PERÍODO: _____